



Estados
Unidos da
América



FICHA TÉCNICA

Título original: *The Populist Explosion*

Autor: *John B. Judis*

Copyright © 2016 by John B. Judis

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Ana Saldanha*

Revisão: *Calígrama — Produção Editorial/Editorial Presença*

Mapa © 2016 Jeffrey L. Ward

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição: Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2017

Depósito legal n.º 420 536/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

INTRODUÇÃO — O que é o populismo e por que razão é importante?	13
Capítulo 1 — A lógica do populismo americano: do People’s Party a George Wallace	19
Capítulo 2 — O neoliberalismo e os seus inimigos: Perot, Buchanan, o Tea Party e o Occupy Wall Street	40
Capítulo 3 — A maioria silenciosa e a revolução política: Donald Trump e Bernie Sanders	64
Capítulo 4 — A ascensão do populismo europeu	89
Capítulo 5 — Os limites do populismo de esquerda: Syriza e Podemos... ..	109
Capítulo 6 — O populismo de direita em marcha no Norte da Europa..	130
CONCLUSÃO — O passado e o futuro do populismo	152
AGRADECIMENTOS	161
BIBLIOGRAFIA	163
NOTAS	166

INTRODUÇÃO

O QUE É O POPULISMO E POR QUE RAZÃO É IMPORTANTE?

Os partidos e os candidatos populistas estão a ganhar terreno nos Estados Unidos e na Europa. Donald Trump obteve a nomeação republicana¹. Bernie Sanders ficou em segundo lugar, a curtíssima distância de Hillary Clinton, na nomeação democrática. E estas candidaturas seguiram-se aos movimentos do Tea Party e do Occupy Wall Street. Na Europa, os partidos populistas em França, na Suécia, na Noruega, na Finlândia, na Dinamarca, na Áustria, na Grécia, na Itália, na Espanha e na Suíça estão a disputar o poder ou integram já os governos dos respetivos países.

Em França, a Frente Nacional (FN) ficou em primeiro lugar nas eleições regionais em dezembro de 2015 com 27,73 por cento dos votos, mas foi-lhe negada a vitória nas eleições para as presidências regionais porque os partidos republicano e socialista se aliaram contra ela na segunda ronda das eleições. Na Dinamarca, o Partido Popular (DF) ficou em segundo lugar nas eleições parlamentares de junho de 2015. Na Áustria, o candidato do Partido da Liberdade (FPÖ), Norbert Hofer, ficou em primeiro lugar na primeira volta da eleição presidencial em abril de 2016.

Na Suíça, o Partido do Povo da Suíça (SVP) ficou em primeiro lugar nas eleições parlamentares com 29,4 por cento dos votos, quase o dobro do total dos sociais-democratas e dos liberais. Na Noruega, o Partido do Progresso (FrP) pertence à coligação

¹ Tendo vindo a ganhar as eleições presidenciais. (NT)

governamental no poder desde 2013. Na Holanda, o Partido para a Liberdade (PVV), de Geert Wilders, atualmente o terceiro maior partido, está muito à frente nas sondagens para as eleições parlamentares de 2017. O Partido da Independência do Reino Unido (UKIP), depois de obter resultados decepcionantes nas eleições parlamentares de 2015, recuperou nas eleições autárquicas, destronando o Partido Trabalhista no País de Gales e posicionando-se na linha da frente na campanha britânica para abandonar a União Europeia.

Na Europa, surgiram também partidos populistas na esquerda e no centro-esquerda. Em Itália, o movimento Cinco Estrelas, do comediante Beppe Grillo, obteve o maior número de assentos na Câmara dos Deputados na eleição de 2013. Nas eleições municipais de junho de 2016, Virginia Raggi, a candidata do movimento Cinco Estrelas, foi eleita presidente da câmara de Roma com 67 por cento dos votos. Em Espanha, o Partido Podemos, fundado em 2014, ficou em terceiro lugar nas eleições parlamentares de dezembro de 2015 e de junho de 2016. Na Grécia, o Syriza, com 10 anos de existência, ficou em primeiro lugar em duas eleições parlamentares em 2015 e formou governo. Este livro é sobre como esses candidatos e movimentos populistas surgiram e por que razão, na sequência da Grande Recessão, se revelaram tão bem-sucedidos na mobilização de apoio.

Definição de populismo

Quando os politólogos escrevem sobre populismo, começam frequentemente por tentar defini-lo, como se fosse um termo científico tal como «entropia» ou «fotosíntese». Isso é um erro. Não há características que definam exclusivamente movimentos, partidos e povos a que chamamos populistas, dos Narodniks russos a Huey Long, de Marine Le Pen em França ao falecido congressista Jack Kemp. Tal como na linguagem comum, mais ainda na linguagem *política* comum, os diferentes povos e partidos a que chamamos «populistas» ostentam semelhanças entre si, mas não é possível encontrar um grupo de características exclusivas em todos eles.

No entanto, existe um tipo de política populista que teve a sua origem nos Estados Unidos no século XIX, reapareceu nos séculos XX e XXI e na década de 1970 começou a surgir na Europa Ocidental. Enquanto os partidos e os movimentos populistas na América Latina têm, por vezes, tentado subverter a competição democrática pelo poder, as campanhas e os partidos populistas nos Estados Unidos e na Europa Ocidental aderiram a ela. Nas últimas décadas, essas campanhas e esses partidos têm vindo a convergir nas suas preocupações e, na sequência da Grande Recessão, ganharam novo ímpeto. É esse o tema deste livro: quero abordar o que é este tipo de política populista e por que razão inclui tanto Trump, Sanders, a Frente Nacional de França como o Partido Podemos de Espanha.

Em primeiro lugar, o tipo de populismo que atravessa a história da América e que foi transplantado para a Europa não pode ser definido em termos de direita, esquerda ou centro. Existem partidos populistas direitistas, esquerdistas e centristas. Não é uma ideologia, mas antes uma lógica política, uma maneira de pensar sobre a política. No seu livro sobre o populismo americano, *The Populist Persuasion*, o historiador Michael Kazin define parte dessa lógica. O populismo, escreve ele, é «uma linguagem cujos falantes concebem o povo comum como um nobre grupo não limitado estreitamente pela classe social; consideram os seus adversários da elite como interesseiros e antidemocráticos; e procuram mobilizar os primeiros contra os segundos».

É um bom começo. Não descreve alguém como Ronald Reagan ou Vladimir Putin, ambos por vezes apelidados de «populistas», mas descreve efetivamente a lógica dos partidos, dos movimentos e dos candidatos, do Partido do Povo de 1892 nos Estados Unidos à Frente Nacional de Marine Le Pen de 2016. Contudo, destacaria a caracterização de Kazin, fazendo uma distinção entre populistas de esquerda como Sanders ou Pablo Iglesias, do Podemos, e populistas de direita como Trump e Le Pen. Os populistas de esquerda defendem o povo contra uma elite ou o *establishment*, o poder instituído. A sua política é vertical, dos estratos inferiores e médios contra o topo. Os populistas de direita defendem o povo

contra uma elite que acusam de favorecer um terceiro grupo, que pode ser constituído, por exemplo, por imigrantes, islamitas ou militantes afro-americanos. O populismo de esquerda é diádico. O populismo de direita é triádico. Olha para cima, mas também para baixo, para um grupo marginal.

O populismo de esquerda é historicamente diferente de movimentos socialistas ou social-democratas. Não é uma política de conflito de classes e não procura necessariamente a abolição do capitalismo. É também diferente de uma política progressiva ou liberal que procure reconciliar os interesses de classes e de grupos opostos. Pressupõe um antagonismo básico entre o povo e uma elite no âmago da sua política. O populismo de direita, por outro lado, é diferente de um conservadorismo que primariamente se identifica com as classes do mundo dos negócios contra os seus críticos e forças antagónicas de classes sociais inferiores. Nas suas versões americana e da Europa Ocidental, é também diferente do conservadorismo autoritário que tem como objetivo subverter a democracia. Opera num contexto democrático.

Assim como não existe uma ideologia comum que defina o populismo, também não existe um grupo específico que abranja «o povo». Podem ser operários, lojistas ou estudantes sobre-endividados; podem ser os pobres ou a classe média. Também não existe uma identificação comum do *establishment*. Pode variar, do «poder financeiro» que os velhos populistas denunciavam aos «intelectuais abstrusos» de George Wallace e à «casta» que o Podemos ataca. Os referentes exatos de «o povo» e «a elite» não definem o populismo; o que o define é a relação conflituosa entre os dois ou, no caso do populismo de direita, dos três.

O próprio conflito gira em torno de uma série de exigências que os populistas fazem à elite. Não se trata de exigências comuns que os populistas acreditem que sejam passíveis de uma negociação imediata. Os populistas acreditam que as suas exigências são válidas e justificadas, mas não creem que o *establishment* esteja disposto a satisfazê-las. Sanders quer «Medicare para todos» e um salário mínimo de 15 dólares por hora. Se ele quisesse que a lei dos cuidados médicos para todos cobrisse as despesas com

aparelhos auditivos ou que o salário mínimo subisse para 7,5 dólares por hora, tais exigências não implicariam um confronto entre o povo e o *establishment*. Se Trump exigisse que fosse aumentado o número de guardas ao longo da fronteira com o México ou se o Partido Popular da Dinamarca fizesse campanha para reduzir o número de requerentes de asilo político, essas propostas não abririam um fosso entre o povo e a elite. Mas prometer um muro que o governo do México pagará ou a cessação total da imigração estabelece, de facto, uma fronteira.

Estas exigências definem o confronto entre o povo e o *establishment*. Se forem concedidas no todo ou mesmo em parte, como quando, em 1896, os democratas adotaram a exigência do Partido do Povo de prata gratuita, ou se as abandonarem por as considerarem demasiado ambiciosas, como o Syriza abandonou as suas exigências da renegociação da dívida da Grécia, então é provável que o movimento populista se dissipe ou se transforme num partido político ou numa candidatura normais. Nesse sentido, os movimentos populistas dos Estados Unidos e da Europa Ocidental prosperam quando se encontram na oposição, mas têm por vezes sofrido crises de identidade quando passam a constituir governo.

A importância do populismo

A segunda característica importante das campanhas e dos partidos populistas que estou a descrever é que funcionam com frequência como sinais de aviso de uma crise política. Os movimentos populistas americanos só têm surgido em circunstâncias muito especiais. Na Europa, os partidos populistas têm por vezes sobrevivido à margem porque os sistemas multipartidários europeus toleram a existência de forças políticas mais pequenas. Mas, tal como os populistas americanos, só têm tido sucesso em certas circunstâncias. Essas circunstâncias são épocas em que as pessoas consideram que as normas políticas predominantes — apresentadas, preservadas e defendidas pelos segmentos de liderança no

país — estão em conflito com as suas esperanças, os seus receios e as suas preocupações. Os populistas dão voz a essas preocupações ignoradas e enquadram-nas numa política que opõe o povo a uma elite intransigente. Fazendo-o, tornam-se catalisadores de mudança política.

Em ambos os lados do Atlântico, os principais partidos manifestaram-se a favor do aumento da imigração, só para constatar que os eleitores, nos Estados Unidos, se opunham vivamente à imigração ilegal e, na Europa, às comunidades de imigrantes que se tornaram viveiros de crime e mais tarde de atos de terrorismo. Os candidatos e os partidos populistas deram voz a essas preocupações. Na Europa, os principais partidos adotaram a ideia de uma moeda comum e vieram a constatar que caiu em desgraça durante a Grande Recessão. Nos Estados Unidos, os líderes de ambos os partidos adotaram acordos de «comércio livre» e vieram a constatar que a maior parte dos eleitores não apoiava esses tratados.

Frequentemente, os movimentos não alcançam os seus próprios objetivos. Não conseguem providenciar cuidados de saúde para todos, nem proteger os trabalhadores do capitalismo global ou da União Europeia. As suas exigências podem ser adotadas pelos principais partidos ou totalmente rejeitadas. Mas os populistas agitam as águas. Dão sinal de que a ideologia política predominante não está a funcionar e precisa de ser reparada e de que a visão vigente do mundo está a desmoronar-se. É por esse motivo que Trump e Sanders são importantes na América e que a esquerda e a direita populistas são importantes na Europa. De seguida, descreverei como tem funcionado a lógica do populismo e por que razão neste momento em particular estão a eclodir protestos populistas de tipo similar em ambos os lados do Atlântico Norte.